

MARX: CIÊNCIA E REVOLUÇÃO¹

Cesar Mangolin²

“[...] não houve um só campo sobre o qual Marx empreendeu uma investigação [...] em que não tenha feito descobertas autônomas. Tal era o homem de ciência. Mas isto não era sequer metade do homem. A ciência era para Marx uma força historicamente motora, uma força revolucionária.[...] Pois Marx era, antes de tudo, um revolucionário. [...] A luta era o seu elemento. E lutou com uma paixão, uma tenacidade e um êxito, como poucos.[...] Por isso, Marx foi o homem mais odiado e mais caluniado do seu tempo.” (ENGELS, 2018)

INTRODUÇÃO

Em 2018 comemoramos os 200 anos do nascimento de Karl Marx. Em 2017 lembramos também dos 150 anos da publicação do primeiro livro do *Capital*, a principal obra do pensador e revolucionário alemão. Com a morte de Marx em 1883, coube a Friedrich Engels realizar os esforços de organização e edição dos livros II e III, que foram publicados, respectivamente, em 1885 e 1894.

Uma obra inacabada, mas resultado de um insuperável e atual estudo científico da estrutura e do movimento do modo de produção capitalista. Ao ir para além das aparências teorizadas largamente pela economia clássica, Marx foi capaz de captar os traços essenciais do capitalismo. Este é um dos principais legados de sua obra de maturidade. Ao lado deste está o desenvolvimento do materialismo histórico, dos seus conceitos fundamentais e de um método para análise científica da história e seus processos.

Passados 200 anos do seu nascimento, vivemos numa conjuntura marcada por um movimento reativo, de viés conservador e que caminha ao lado de concepções ecléticas e gelatinosas da ciência, prevalecendo o subjetivismo, o relativismo teórico e a negação da apreensão objetiva da realidade, como é próprio dos adeptos mais apressados da chamada pós-modernidade. Essas disposições políticas e teóricas detratam a obra de Marx de duas maneiras principais: de um lado, afirmam que sua obra

¹ O texto foi publicado em 2018 num livro comemorativo dos 200 anos do nascimento de Marx. MANGOLIN, Cesar. “MARX: CIÊNCIA E REVOLUÇÃO”. In: Adalberto Monteiro; Augusto Buonicore. (Org.). *Karl Marx: desbravar um mundo novo no século XXI*. São Paulo: Anita Garibaldi / Fundação Maurício Grabois, 2018, p. 209-223.

² Cientista Social (FSA), Mestre em Educação (UMESP) e Doutor em Filosofia (UNICAMP).

está superada, sem assumirem a tarefa de uma demonstração sistemática do que defendem; de outro, questionam sua cientificidade, circunscrevendo o trabalho de Marx, no máximo, no campo de uma filosofia da história ou uma filosofia política.

É necessário, portanto, insistir no caráter científico da obra de Marx, na sua atualidade e relevância para o pensamento social. Contribuir com esta tarefa é o objetivo geral do nosso texto.

É óbvio que não é possível e nem pretendemos fazer aqui uma exposição sistemática dos avanços e desdobramentos da obra de Marx. Dentro dos nossos limites, procuramos destacar alguns aspectos teóricos mais gerais, mas que nos parecem fundamentais.

Para tanto, dividimos nosso trabalho em três partes. Na primeira, procuramos avançar alguns pontos dos já mencionados até aqui na relação de Marx com a ciência, tocando em alguns temas importantes e polêmicos, como a trajetória intelectual de Marx (que pode ser dividida entre a fase de juventude e de maturidade), a existência de “marxismos” que negam o caráter científico da obra de Marx e, por fim, da necessidade do exercício da crítica, do desenvolvimento e da atualização exigidos para que o materialismo histórico continue a ser ciência e não uma nova “tábua dos mandamentos”. Na segunda parte, mais breve, destacamos duas grandes descobertas de Marx e sua importância para o conhecimento objetivo das formações sociais humanas. Por fim, escolhemos discorrer sobre um tema que nos parece fundamental e que caminha na perspectiva da atualidade do pensamento marxista: a lógica objetiva da história que permite pensar numa teleologia materialista, distante dos determinismos próprios das correntes economicistas, sejam elas as baseadas na ideia de uma natureza humana alienada ou as que tornaram a história uma sequência única, necessária e ascendente de modos de produção que caminha rumo a um destino pré-determinado: o comunismo.

Ainda que expostos de maneira quase esquemática em virtude do nosso espaço, nossa pretensão é que os temas em questão possam suscitar boas e produtivas reflexões.

1. MARX E A CIÊNCIA

Engels, diante do túmulo de Marx, afirmava num breve discurso as qualidades do seu companheiro de lutas na produção teórica e na prática política. Na síntese que faz aparecem imbricados o cientista e o revolucionário de tal maneira que não poderia

existir um sem o outro. Não há um Marx cientista e outro Marx revolucionário, mas o homem que percebia a ciência como força revolucionária, transformadora e também compreendia cientificamente as revoluções, ou seja, como processos cujas condições objetivas e possibilidades deveriam ser estudadas e conhecidas. Sobre os desvios esquerdistas de seu tempo, Marx e Engels criticavam a tentativa de erigir a impaciência como fundamentação teórica, numa referência clara aos que ainda pensavam a possibilidade da revolução como mero ato de vontade derivado do espontaneísmo³.

Engels não diz que Marx foi um entusiasta romântico e panfletário da revolução proletária. A prática teórica (como filósofo e cientista) e a prática política (como militante e dirigente comunista) eram revolucionárias. No mesmo discurso, afirma sobre a atividade de Marx:

“Sua verdadeira missão na vida foi contribuir, de uma maneira ou de outra, com a derrubada da sociedade capitalista e das instituições políticas criadas por ela, contribuir para a libertação do proletariado moderno, que ele foi o primeiro a tornar consciente da sua própria posição e das suas necessidades, consciente das condições da sua emancipação” (ENGELS, 2018).

O conjunto da obra, portanto, tornou Marx seguido e estudado e, ao mesmo tempo, odiado e caluniado não somente durante sua vida, mas também nos 135 anos que nos separam de sua morte.

Uma das maneiras mais comuns de detratar Marx, como dissemos, é colocar em questão a cientificidade da sua obra. Sem dúvida, a sua ligação com as organizações proletárias e seu compromisso com a destruição do capitalismo produzem adversários de todo tipo, que insistem em desqualificar a grandeza e a importância das descobertas científicas de Marx. Mas também podemos encontrar intelectuais no interior da tradição marxista (como, por exemplo, Karl Korsch, Gyorg Lukács e Antonio Gramsci) que pretenderam tratar sua obra como uma “visão de mundo” do proletariado, ou uma “ideologia do proletariado”. Tal perspectiva incorre no risco de equiparar o marxismo a

3 Cf. Engels sobre os refugiados blanquistas (2010, p.17): “Os Trinta e Três são comunistas porque imaginam que, assim que possuírem apenas a boa vontade de saltar os estágios intermediários e os compromissos, tudo está assegurado, e se, como eles acreditam firmemente, em um dia ou outro a coisa começa e eles chegam ao poder, o ‘comunismo será instaurado’ no dia seguinte. E eles não são comunistas se isso não puder ser feito imediatamente. Que ingenuidade infantil erigir a impaciência como um argumento teórico convincente!”

um conjunto de ideias, de propostas e de possibilidades que figura ao lado de outras tantas “visões de mundo” ou projetos políticos (por exemplo, as ideias liberais, o anarquismo etc.) que podem, em condições iguais, serem adotadas ou rejeitadas por pessoas ou grupos, como se fossem produtos dispostos numa prateleira de mercado.

Marx não criou um projeto idealista de sociedade perfeita, nem mesmo um conjunto de ideias ou uma visão de mundo que colocou diante do proletariado como uma alternativa para construir relações sociais diferentes das quais era produto. Marx não produziu tampouco nas obras de maturidade uma filosofia idealista da história cujo final se daria numa sociedade perfeita, nem mesmo uma filosofia política que poderia ser tomada como uma nova versão de um comunismo idealista, que aparece como um invariante ideológico em momentos diversos da história.

O que Marx nos legou foi o desenvolvimento da ciência da história, ou o materialismo histórico. É óbvio que o conhecimento produzido a partir da ciência não diz respeito apenas a uma porção da nossa espécie ou a uma classe social: uma descoberta científica é necessariamente universal por ser conhecimento objetivo da realidade, como é o caso das teorias da gravidade, da evolução etc. Mas Marx toma posição: estuda e coloca os resultados alcançados a serviço da causa revolucionária. É o conhecimento científico do modo de produção capitalista, das suas leis tendenciais e das suas contradições que permite compreender as condições objetivas do proletariado e a possibilidade aberta da transição a um novo modo de produção, fornecendo aos revolucionários os instrumentos de análise dos processos e conjunturas históricos. Uma notável e singular contribuição para a formação de organizações proletárias e para a definição da tática e da estratégia dos comunistas.

Esse trabalho científico de Marx foi desenvolvido por décadas de militância revolucionária e de estudos aprofundados, passando por fases distintas. Essas fases são, sem dúvida, resultado da experiência obtida nas duas atividades concomitantes. Além disso, já mencionamos que a sua obra principal restou inacabada e, como não deveria deixar de ser, no conjunto há pontos polêmicos e outros não plenamente desenvolvidos. Essas duas observações – as fases distintas e os pontos abertos ou mais obscuros – exigem um breve comentário.

Quando nos referimos às obras de maturidade reconhecemos que há problemáticas distintas que demarcam fases sucessivas de sua produção teórica, que

podem ser divididas em dois momentos dos chamados escritos de juventude (de 1840-42 e 1843-44), seguida de um período de transição e desenvolvimento de alguns dos conceitos essenciais do materialismo histórico (como, por exemplo, o conceito de modo de produção) e, por fim, pelas obras de maturidade, principalmente a partir dos anos 1850.

Não é possível desenvolvermos aqui a distinção entre o que chamamos de fase de maturidade e a fase dos escritos de juventude⁴, mas o próprio Marx escreveu sobre sua trajetória e a ruptura com a fase juvenil no prefácio da *Contribuição à crítica da economia política*, publicada em 1859: “[...] quando ele [Engels], na primavera de 1845, veio também instalar-se em Bruxelas, decidimos elaborar em comum nossa oposição contra o que há de ideológico na filosofia alemã: tratava-se, de fato, de acertar as contas com a nossa antiga consciência filosófica” (MARX, 1987, p.30-31). Na sequência, Marx se refere a dois volumes escritos por ele e Engels que não foram publicados por “circunstâncias adversas” (p. 31) e que foram abandonados à “crítica roedora dos ratos” (p.31), visto que já haviam cumprido seu objetivo⁵.

Faz parte das obras de juventude a defesa de um *telos* imanente na história, um fim inscrito em seu processo, que deveria se realizar objetivamente pelo seu próprio desdobramento e a partir das condições extremas (nesse caso, finais) características da sociedade burguesa, que gera o protagonista da revolução: o proletariado, que ao emancipar-se levaria a cabo a emancipação humana. Há também nessa fase, portanto uma concepção da natureza ou essência humana. Nos chamados *Manuscritos econômico-filosóficos* (2010) ou *Manuscritos de Paris*, de 1844, obra que está no limiar do rompimento com a fase de juventude, Marx reafirma o proletariado como a classe historicamente responsável pela retomada da essência do homem alienado de si mesmo e aponta o comunismo como resultado dessa retomada: essa revolução humana seria a

4 Remetemos os interessados no debate ao estudo de alguns textos: o referido prefácio em MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1987; ALTHUSSER, Louis. “Sur le jeune Marx”. In: ALTHUSSER, Louis. *Pour Marx*. 4ed. Paris: François Maspero, 1967, p.45-83 (há uma recente edição da obra em português pela editora da Unicamp); MORAES, João Quartim de. “Continuidade e ruptura no pensamento de Marx: do humanismo racionalista ao materialismo crítico”. In: BOITO, Armando et alli (orgs). *A obra teórica de Marx: atualidade, problemas e interpretações*. São Paulo: Xamã, 2000, p. 23-40.

5 Os dois manuscritos, como sabemos, foram publicados somente em 1932, com o título *Ideologia alemã*

solução do conflito e da contradição entre essência e existência⁶ (cf. MARX, 2010, p.105).

Marx abandona essas concepções nas obras de maturidade. O desenvolvimento do materialismo histórico rompe com esse viés antropocêntrico, com a filosofia que lhe dá suporte e, portanto, com o tratamento teleológico idealista da história e do seu fim, apesar de algumas reminiscências da fase juvenil persistirem nas obras de maturidade, embora sem representar mais o núcleo duro da sua argumentação. A teleologia idealista na análise da história, ou do processo histórico, é patente em correntes do marxismo calcadas nos pressupostos teóricos e nas conclusões das obras de juventude de Marx. Sem dúvida, a perspectiva do fim da história e do papel messiânico do proletariado foi estimulada nos textos do próprio Marx, inclusive nas obras de transição da fase juvenil para a maturidade, como ocorre no *Manifesto do Partido Comunista*, de 1848.

Conhecer a trajetória intelectual de Marx, perceber suas fases distintas, a persistência em alguns momentos da sua obra de maturidade de fragmentos da filosofia da fase da juventude, de temas não desenvolvidos etc. nos permitem, ainda que esquematicamente, finalizar esta parte do texto com pelo menos duas perspectivas fundamentais e complementares: 1ª) não devemos (por mais óbvio que seja) tomar a obra de Marx como um “texto sagrado”, infalível, hermético e saturado, onde seria possível encontrar respostas a todas as questões e a solução para todos os problemas teóricos e políticos que enfrentamos; 2ª) mais importantes e um pouco menos óbvias, como característica de qualquer ciência, as notáveis descobertas científicas de Marx e o seu registro através das suas obras devem ser continuamente criticados e desenvolvidos para que continuem a nos servir de base e como referência teórica fundamental, inclusive para novas descobertas, ajustes teóricos e, fundamentalmente, como instrumento da organização e da luta revolucionária.

6 Duas observações importantes: 1) embora seja um texto bastante utilizado por algumas correntes do marxismo que rejeitam a tese da ruptura entre a fase de juventude e de maturidade, os *Manuscritos de Paris* jamais foram publicados e nem sequer mencionados por Marx, ao contrário da já mencionada obra que veio à luz com o nome de *Ideologia Alemã*. Os *Manuscritos* foram publicados somente em 1932; 2) o que Marx chama de “comunismo” em 1844 não é a mesma coisa que o próprio Marx da maturidade e a tradição marxista atribuem ao comunismo, como modo de produção, conceito que, aliás, nem havia aparecido nas formulações do período.

2. DUAS GRANDES DESCOBERTAS DE MARX.

Marx escreveu que “[...] toda a ciência seria supérflua se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente” (MARX, 1988, vol. 5, p.253). Ao desenvolver a ciência da história, ou o materialismo histórico, Marx, como um “homem de ciência” (como disse Engels, 2018), compreendia como sua atividade ir para além das aparências e descobrir os traços essenciais da lógica objetiva da história.

No já citado discurso diante do túmulo de Marx, Engels sintetiza o duplo resultado do trabalho científico de Marx: “assim como Darwin descobriu a lei do desenvolvimento da natureza orgânica, Marx descobriu a lei do desenvolvimento da história humana” e também a “lei específica que move o atual modo de produção capitalista e a sociedade burguesa criada por ele” (ENGELS, 2018). Essas duas notáveis descobertas podem ser expressas teoricamente em dois conjuntos de “leis”: um deles, que trata da lógica objetiva da sucessão dos modos de produção ao longo da história; o outro, da reprodução de um modo de produção.

Engels fala de “lei”, mas podemos compreender a partir da introdução à *Dialética da Natureza* (1983, p.27-41) que, para o marxismo, lei não tem o mesmo significado que possuía, por exemplo, para a física de Newton (segundo a qual, com exceção do primeiro impulso criador, todo o resto seria eterno e imutável), ou para o materialismo mecânico e determinista do século XVIII. Essa compreensão de “lei” foi superada ainda pelo idealismo alemão: Kant implodiu a teoria cosmológica perene e imutável de Newton, introduzindo a ideia de que o sistema solar possuía movimento, tinha sua própria história e que tenderia, inclusive, a perecer (a mesma ideia aparece em ENGELS, 1983, p.31 e ENGELS, 1974, p.137). Hegel, por sua vez, concebeu um sistema objetivo do desenvolvimento da história, da natureza e do espírito como processo, como movimento, como transformação e buscou a conexão íntima desse processo, ainda que na perspectiva da sua filosofia idealista. Engels reconhece o mérito e a importância de Hegel ter colocado em questão e demonstrado “a existência de leis internas que guiam tudo aquilo que a primeira vista se poderia acreditar como obra do cego acaso” (ENGELS, 1974, p.137).

A lógica objetiva da história descoberta e desenvolvida teoricamente por Marx e Engels permite analisar, portanto, separadamente o processo de reprodução de um modo de produção e o de transição de um modo de produção a outro.

No caso dos processos de transição, podemos encontrar pelo menos três maneiras de enfrentar o problema da lógica objetiva da história dentro do marxismo: a primeira delas é a que fixa teleologicamente o devir histórico, seja pela sucessão de modos de produção que obedeceria a uma escala ascendente, através de etapas sucessivas e necessárias, rumo a um fim da história, seja pela compreensão desse momento final como a realização de uma suposta essência humana que estaria alienada. Ambas as posições descambam para o economicismo (cf. BOITO, 2013) e para o determinismo histórico. A segunda maneira de tratar o problema da transição tende a reduzir os processos de transformação social a um nível extremo de indeterminação, que acaba por lançar no caos o devir histórico, como aparece no último Althusser (2005). A terceira maneira não se resume em tentar encontrar o meio termo entre essas posições aparentemente extremas e opostas, mas procura pensar a lógica objetiva da reprodução e da transição dos modos de produção a partir das obras de maturidade de Marx e Engels, rejeitando a teleologia idealista e discutindo o sentido de necessidade, possibilidade e o papel objetivo do acaso nos processos históricos.

3. UMA TELEOLOGIA MATERIALISTA

Compreendemos que o movimento reprodutivo de uma dada estrutura provoca contradições derivadas que abrem, no conjunto, possibilidades para a formação de uma nova estrutura. Isso significa que o resultado do processo não é pré-determinado. Falar da existência de possibilidades distintas daquela que objetivamente é resultado de um processo concreto significa ir contra o determinismo histórico e, ao mesmo tempo, contra qualquer teoria caótica do devir. Permite, portanto, de um lado e a partir de Marx (e, portanto, da atualidade e desenvolvimento da sua obra), explicar objetivamente a lógica da história e, por outro lado, rejeitar as duas já mencionadas concepções extremas, mas particularmente as versões economicistas que são ainda bastante comuns nas formulações marxistas, seja aquela que se pretende “científica”, de grande peso desde a II Internacional, que defende a tese economicista e positivista de uma evolução ascendente do qualitativamente inferior ao qualitativamente superior tendo como força

motriz fundamental o desenvolvimento cumulativo das forças produtivas, assim como aquela que identifica a mesma sequência (comunidade primitiva, escravismo, feudalismo e capitalismo) como uma gradação rumo ao comunismo. Também é negar a concepção de um fim da história, realizado pela emancipação humana após a retomada de sua essência alienada, como aparece, por exemplo, em Lukács e seus seguidores. Ambas as concepções têm em comum a ênfase na teleologia idealista da história, entendida aqui como um fim inscrito em seu processo, uma finalidade inexorável.

Há diferença entre a necessidade do movimento e o resultado concreto: é no esclarecimento dessa diferença que reside a possibilidade de pensarmos em termos materialistas e sem *telos* imanente não apenas os processos históricos, mas também aqueles próprios da evolução no meio natural.

Para tanto é necessário sempre distinguir dois momentos: o processo de *formação* de uma nova estrutura e o processo de *reprodução* da estrutura constituída. Na biologia isso pode ser sintetizado da seguinte maneira: “uma coisa é perguntar como uma estrutura contribui para a realização do ciclo vital de seus portadores; outra é perguntar pela história evolutiva dessa estrutura”. (TINBERGEN apud CAPONI, 2012, p.33). No materialismo histórico, uma coisa é compreender os traços essenciais de um dado modo de produção e seu processo reprodutivo; outra é compreender o processo da passagem de um modo de produção a outro e os elementos que se encontram formando uma nova articulação estrutural. Assim como na história da vida, é possível com relação à história e à sucessão dos modos de produção negar o *telos* imanente ou o desenho inteligente e, ao mesmo tempo, reconhecer o desempenho de uma nova estrutura depois de constituída, resultado da transformação da estrutura anterior.

São, portanto, distintos o modo de produção constituído e o seu processo de constituição. O novo modo de produção se reproduz de acordo com “leis” ou processos internos causais: o que temos é a naturalização ou historicização funcional da teleologia, ou como disse Caponi, um desenho “sem um desígnio que o oriente” (CAPONI, 2012, p. 64).

A necessidade do movimento e do encontro não é acompanhada da determinação de quando e como os encontros devem ocorrer e qual seu resultado final. Já o materialismo antigo – Demócrito, Epicuro, Lucrecio – tratava de maneira objetiva o acaso. O resultado do encontro dos átomos de Epicuro, que Lucrecio vai expressar na

metáfora da chuva e do desvio (*clinamen*) é aleatório: os átomos, que diferem entre si em tamanho peso e formato, podem se encontrar aleatoriamente dando forma a novos corpos. A possibilidade e o resultado dos encontros (os que pegam e os que não pegam) são determinados pelo encontro no espaço e pelo formato dos átomos:

“No materialismo de Epicuro, 'pegam', 'dão liga' [...] os átomos cujas diferenças de tamanho e de formato são complementares. Dois átomos semelhantes, por exemplo, de formato esférico, tendem a se repelir quando se chocam. O formato de dois átomos que se encontram é, evidentemente, aleatório e, portanto, também o é o resultado do encontro” (MORAES, 2007, p.157)

Na história, o encontro dos elementos que compõem o novo modo de produção é casual, mas não é indeterminado: decorre de um leque de possibilidades aberto pelo desenvolvimento das forças produtivas e pelas contradições derivadas da reprodução do modo de produção anterior. A transição é a constituição de um novo modo de produção, ou seja, nova combinação de estruturas (que não são desdobramentos das estruturas anteriores, mas novas estruturas), que passa à fase da reprodução. Nesta fase são as leis próprias do novo modo de produção que produzem, por seu movimento necessário, contradições derivadas. Tanto na história natural, quanto nas formas de organização social humanas, os encontros de elementos aleatórios ocorrem e são responsáveis por gerar novas relações, novas articulações das estruturas, novos processos. Os encontros são recorrentes, mas por não corresponderem a finalidades inscritas de antemão nos processos, o encontro de certos elementos é casual.

São distintos, por exemplo, os processos que originam de um lado, um grupo com riqueza monetária e, de outro, um grupo despossuído de bens materiais (cf. MARX, 1988, Livro I, vol.2). Encontram-se, porém, num determinado contexto do desenvolvimento das forças produtivas e dão origem a um novo processo, a um novo modo de produção: o capitalista. Depois de desencadeado o novo processo, como diz Marx, “já não é a casualidade que contrapõe capitalista e trabalhador como comprador e vendedor no mercado” porque

“[...] o processo de produção capitalista, considerado como um todo articulado ou como processo de reprodução, produz, por conseguinte, não apenas a mercadoria, não apenas a mais-valia, mas produz e

reproduz a própria relação capital, de um lado o capitalista, do outro o trabalhador assalariado”. (MARX, 1988, Livro I, vol.2, p.153)

A necessidade não se opõe antagonicamente ao acaso, porque ela não é o resultado de um processo histórico pré-determinado, mas o movimento necessário da reprodução de um modo de produção, que gera contradições e abre possibilidades para a transição. Para os modos de produção ao longo da história a necessidade do movimento é a lei objetiva: eles se sucedem. O novo modo de produção não surge de dentro do modo de produção anterior, mas podemos afirmar, sem dúvida, que é a existência e a dinâmica do modo de produção anterior que abre e delimita o leque de possibilidades dos modos de produção que podem lhe suceder. É o encontro casual de elementos surgidos do antigo modo de produção que dá origem a um novo processo, um novo modo de produção, que vai revolucionar a própria base material da qual parte para tornar-se novo.

Exemplo extremo é o passo decisivo ao desenvolvimento da produção propriamente capitalista e, portanto, à constituição do modo de produção capitalista. A base da produção capitalista não é decorrência direta da manufatura, mas de seu revolucionamento.

“A produção mecanizada ergueu-se, portanto, de maneira natural sobre uma base material que lhe era inadequada. Em certo grau de desenvolvimento ela teve de revolucionar essa base inicialmente encontrada pronta e depois aperfeiçoada em sua antiga forma e criar para si nova base, correspondente a seu próprio modo de produção”. (MARX, 1988, Livro I, vol. 2, p.12)

A manufatura provoca transformações que se tornam ponto de partida para a produção capitalista. A base material existente é o ponto de partida, mas o modo de produção capitalista se firma “sobre seus próprios pés” (Marx, 1988, Livro I, vol.2, p.14) com a maquinaria e a produção de máquinas para além das possibilidades e limites da manufatura. “A maquinaria específica do período manufatureiro permanece o próprio trabalhador, combinação de muitos trabalhadores parciais” (Marx, 1988, Livro I, vol.1, p.262); e ainda: “O revolucionamento do modo de produção toma, na manufatura, como ponto de partida a força de trabalho; na grande indústria, o meio de trabalho”. (Marx, 1988, Livro I, vol.2, p.05)

No processo de transição, portanto, as possibilidades objetivamente abertas dependem do fator que desencadeia as possibilidades (o desenvolvimento das forças

produtivas e a determinação em última instância da estrutura econômica) e do papel do acaso na constituição do novo modo de produção, o que nos remete também ao papel da luta de classes. A nova articulação de estruturas, o novo modo de produção constituído, com suas relações sociais de produção específicas, determinado ritmo e qualidade do desenvolvimento das forças produtivas, as novas classes e as lutas de classes, as leis tendenciais, enfim, esse conjunto forma, sem dúvida, um novo desenho, que abre outras possibilidades. Mas um desenho sem desígnio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas considerações breves tiveram como objetivo principal insistir na cientificidade da obra de maturidade de Marx, tocando nos momentos e problemáticas distintos da sua produção e, com isso, tratando do seu próprio caminho à ciência, para, por fim, tratar de um dos aspectos essenciais da atualidade da sua obra: a lógica objetiva da história descoberta por Marx, que nos permite desenvolver e avançar na análise dos processos históricos de maneira não determinista e a partir de uma teleologia materialista.

Um Marx atual, que permite a crítica e o combate no plano das ideias ao engodo subjetivista e relativista das correntes ditas pós-modernas e, ao mesmo tempo, um Marx distante dos idealismos metafísicos e historicistas e de certa perspectiva de forte viés positivista que ainda persiste na tradição marxista e que toma a história como uma sucessão de modos de produção em linha ascendente (em termos tecnológicos e científicos), cujo fim seria fatalmente o modo de produção comunista.

Além de permitir que tenhamos instrumentos atuais e à altura para a crítica e para a continuidade do desenvolvimento científico e filosófico, a obra do Marx revolucionário e cientista ainda nos dá a convicção, pela análise desenvolvimento material e das contradições do modo de produção capitalista, da possibilidade aberta para a construção do modo de produção comunista.

Em nossa perspectiva, esses são motivos de sobra para que comemoemos os 200 anos do seu nascimento e para que mantenhamos bem alta a já secular, mas sempre jovem e atual, bandeira da luta socialista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. *Pour Marx*. 4ed. Paris: François Maspero, 1967.
- _____. “A corrente subterrânea do materialismo do encontro”. In: *Revista Crítica Marxista*, nº20, Campinas, Rio de Janeiro: Cemarx, Revan, 2005, p.09-48.
- BOITO, Armando. “Emancipação e revolução: crítica à leitura luckasiana do jovem Marx”. In: *Revista Crítica Marxista*, nº36. Campinas, São paulo: Cemarx, Editora da Unesp, 2013, p.43-53.
- CAPONI, Gustavo. *Função e desenho da biologia contemporânea*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- ENGELS, Friedrich. “Del socialismo utópico al socialismo científico”. In: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Obras escogidas*. Moscou: Progreso, volume III, 1974.
- _____. *Dialectica de la naturaleza*. 2ed. México: Cartago, 1983.
- _____. “Programme of the blanquist commune refugees”. In: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Collected Works – vol.24*. London: Lawrence & Wishart, 2010, p.12-18.
- _____. *Speech at the Grave of Karl Marx*. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1883/death/burial.htm> . Acesso: 16 de fevereiro de 2018.
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- _____. *O capital*. 3ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988 (05 volumes).
- _____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MORAES, João Quartim de. “Continuidade e ruptura no pensamento de Marx: do humanismo racionalista ao materialismo crítico”. In: BOITO, Armando et alli (orgs). *A obra teórica de Marx: atualidade, problemas e interpretações*. São Paulo: Xamã, 2000, p. 23-40
- _____. *Materialismo e evolucionismo: epistemologia e história dos conceitos*. Campinas: Unicamp/CLE, 2000.